

CONCURSO PÚBLICO PARA PROVIMENTO DE CARGOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - EDITAL Nº 190/2022

RESPOSTAS AOS RECURSOS

Disciplina Língua Portuguesa

Noções Básicas da Administração Pública

Conhecimento Específico

Cargos: Técnico de Laboratório/Área_Biotecnologia; Técnico de Laboratório/Área_Mecânica; Técnico de Laboratório/Área_Histologia; Técnico de Laboratório/Área_Informática; Técnico de Contabilidade; Técnico de Enfermagem; Técnico em Tecnologia da Informação e Técnico em Agropecuária.

Nº da Questão	Opção de Resposta por extenso	Parecer da Banca	Deferido ou Indeferido	Questão anulada ou Opção de Resposta correta
01	(D): sequências expositivas e verbos no presente do indicativo, como em ...ou seja, <i>capacitá-lo a compreender a língua em todas as suas variantes, que podem ser regionais e sociais.</i> (Linhas 34-36).	<p>É correto afirmar que há, no texto 1, sequências expositivas, isto é, sequências elaboradas para explicar ou definir algo e que apresentam como característica o emprego de verbos no presente do indicativo, como se observa em <i>ou seja, capacitá-lo a compreender a língua em todas as suas variantes, que podem ser regionais e sociais.</i></p> <p>Não é correto afirmar que há “repetição exagerada do termo ‘Bechara’, configurando desvio da norma, como em <i>Bechara, no entanto, não se alinha aos “puristas”...</i> (Linhas 4-5) e <i>Bechara, no entanto, reforça que o trabalho na escola deve tomar por base a língua-padrão</i> (Linhas 37-38)”, pois, embora a repetição exagerada seja desabonada pela norma de prestígio, no texto 1, a recorrência do nome “Bechara” tem caráter coesivo, isto é, trata-se de uma repetição necessária para dar unidade ao texto e auxiliar na progressão das ideias. Também não é correto dizer que há “marcas da coloquialidade, como a ênclise em <i>Equivoca-se, porém, quem imagina que o conhecimento da teoria garanta todas as condições para escrever bem</i> (Linhas 23-25)”, porque a ênclise não pode ser tomada como marca de coloquialidade, isto é, de uma expressão menos monitorada, como a que se observa nas conversas cotidianas – muito pelo contrário, a ênclise, em início de frase, indica domínio</p>	Indeferido	Mantido

		da norma-padrão e do registro formal. É igualmente incorreto afirmar que há, no texto 1, “paráfrases elucidativas, como em <i>A propósito, ele dá o veredito sobre a expressão ‘testar positivo’...</i> (Linhas 8-9)”, já que, embora haja muitas paráfrases com essa natureza ali, o fragmento usado como exemplo não pode ser considerado uma por não retomar as ideias de um trecho anterior com outras palavras. Por fim, também é incorreto afirmar que há “injunções direcionadas ao leitor, como em <i>Cabe aos professores de português, portanto, a tarefa...</i> (Linhas 32-33)”, porque o exemplo não é o de uma interpelação ao leitor do texto, por não apresentar índices da segunda pessoa do discurso.		
04	(A): causa	<p>“Em razão da”, com o sentido de “em virtude da”, no fragmento em destaque, indica <i>causa</i>, pois anuncia o motivo, a causa, a razão da incorporação da expressão “testar positivo” à língua: a pandemia de Covid-19.</p> <p>Não se pode afirmar, então, que “em razão da” indica <i>consequência</i>, pois a expressão “testar positivo” não teve como efeito, ou consequência a pandemia de Covid-19. Também não se pode dizer que indica <i>conformidade</i>, já que “testar positivo” não foi incorporada à língua por estar de acordo com a pandemia de Covid-19. Não se pode igualmente dizer que indica <i>modo</i>, uma maneira como a expressão teria sido incorporada à língua, nem <i>concessão</i>, isto é, a incorporação não teria acontecido apesar da Covid-19.</p>	Indeferido	Mantido
05	(E): “que”, em <i>aquele que estabelece os princípios de uso, retoma “aquele”</i> .	<p>“Que”, pronome relativo, além de, no caso, ter a função de sujeito da oração “que estabelece os princípios de uso”, retoma o termo anterior, “aquele”, que, por sua vez, retoma “o linguista”.</p> <p>Já não pode ser considerado verdadeiro que “<i>seu</i>”, em <i>em</i> têm cada qual o <u>seu</u> espaço, <i>retoma “linguistas”</i>, pois, na verdade, “seu” retoma o elemento mais próximo, “cada qual”, que, por sua vez, retoma “linguistas e gramáticos”: o espaço de cada qual, tanto dos linguistas, quanto dos gramáticos. Em “<i>usos</i>”, em o gramático seleciona esses <u>usos</u>, “usos”, núcleo do sintagma, é determinado pelo termo anterior “esses”, portanto, não o retoma como elemento anafórico. Não se pode afirmar que o sujeito elíptico de “faz”, em <i>faz uma seleção deles</i>, retoma “o professor”, e sim “o gramático”. Também não se pode considerar correta a opção “<i>deles</i>”, em <i>faz uma seleção deles</i>, <i>retoma “uma seleção”</i>, pois “deles” retoma “esses usos”.</p>	Indeferido	Mantido

06	(D): indeterminação semântica do sujeito	<p>Em <i>o fato de você sistematizar teoricamente a língua</i>, “você” caracteriza a presença de um sujeito semanticamente indeterminado, sendo tomado como um sintagma nominal de significação genérica ou indefinida, conforme o postulado por Azeredo (2008, p.226) em referência a “a gente”, “todo mundo” etc. Marcos Bagno (2012, p. 749) afirma que “Um dos usos mais intensos de você no PB (português brasileiro) contemporâneo é como forma de indeterminação do sujeito. A indeterminação é um traço semântico, que recorre a elementos morfossintáticos para obter efeitos pragmáticos de não explicitação do agente. Ao lado de diversas outras formas – se, eles, a gente, verbo na não-pessoa do singular e do plural etc. -, você é decerto a forma mais empregada nesse caso”.</p> <p>Não é possível o recurso em tela ser classificado, sintaticamente, como <i>ocultação sintática do sujeito</i>, uma vez que não se verifica uma elipse do sujeito; nem como <i>interlocução discursiva específica</i>, pois o emprego do <i>você</i> não sugere identificação do destinatário, sendo ele particular ou coletivo; nem como <i>informalidade no tratamento em vocativo</i>, na medida em que não se trata de termo representante daquele a que o locutor se dirige; nem como fruto de <i>funcionamento metalinguístico do trecho</i>, pois não diz respeito à tomada do próprio código comunicativo para assunto.</p>	Indeferido	Mantido
07	(C): conector.	<p>Em “<u>Segundo</u> Bechara, ‘o fato de você sistematizar teoricamente a língua não significa que você seja um leitor, um bom escritor etc...’”, o elemento sublinhado é um conector (e somente ele está sublinhado), uma vez que estabelece articulação entre partes do trecho: a fala de Bechara – “o fato de você sistematizar teoricamente a língua não significa que você seja um leitor, um bom escritor etc...” e a referência a ele como enunciador da fala – “Segundo Bechara”. Destaca Azeredo (2008, p.341) que, sendo uma preposição acidental (no quadro, portanto, dos conectores), <i>segundo</i> ocorre, normalmente, seguido de substantivo que designa entidade (no caso, Bechara) envolvida no processo.</p> <p>Não se trata de <i>numeral</i>, já que não corresponde à palavra que faça referência à quantificação; nem de <i>advérbio</i>, pois não tem função modificadora de verbo, advérbio, ou adjetivo; nem de <i>determinante</i>, visto que não tem função adjetiva, pois não se trata de um “segundo Bechara”, como se houvesse mais de um; nem de <i>nome</i>, uma vez que não nomeia parcelas de nosso conhecimento representadas como seres.</p>	Indeferido	Mantido

09	(E): <i>No Brasil, o ensino da língua portuguesa é um ensino muito feito para o dia a dia, portanto a pessoa não estuda a língua para ser um escritor exemplar, capaz de transmitir os seus pensamentos de modo claro e elegante.</i>	<p>A relação estabelecida entre as duas porções do trecho é de conclusão, o que pode ser explicitado, perfeitamente, pelo emprego do conector “portanto”. A construção <i>No Brasil, o ensino da língua portuguesa é um ensino muito feito para o dia a dia</i> corresponde à causa que aponta para a seguinte consequência lógica, expressa pela conclusão (Kury,1985): <u>portanto a pessoa não estuda a língua para ser um escritor exemplar, capaz de transmitir os seus pensamentos de modo claro e elegante.</u></p> <p>Assim, não se tratando de uma relação semântica de oposição, não seria cabível o uso do conector “no entanto”; nem de causalidade, não sendo possível, nesse caso, a inserção da conjunção “porque”; nem de ressalva, não sendo permitido o emprego do operador “aliás”; nem de alternância, não sendo admitido o uso da conjunção “ou”.</p>	Indeferido	Mantido
10	(E): está no plural e é foneticamente paroxítona.	<p>Conforme o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa vigente (http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/acordoortografico.pdf, p. 13), recebem acento circunflexo “As formas verbais têm e vêm, 3as pessoas do plural do presente do indicativo de ter e vir, que são foneticamente paroxítonas (respectivamente /tājāj/, /vājāj/ ou /têêj/, /vêêj/ ou ainda /têjêj/, /vêjêj/); cf. as antigas grafias preteridas, têm, vêem, a fim de se distinguirem de tem e vem, 3as pessoas do singular do presente do indicativo ou 2as pessoas do singular do imperativo”.</p> <p>Não se pode dizer que o acento em “têm” é usado porque essa palavra é <i>oxítona terminada em ditongo nasal</i>, pois ela é considerada paroxítona por causa de um ditongo fonético; nem porque é <i>paroxítona terminada em “m”</i>, pois essa regra não corresponde a nenhuma estabelecida pelo Acordo; nem porque <i>toda proparoxítona é acentuada</i>, já que nem proparoxítona ela é; nem porque <i>o acento é facultativo nesse caso</i>, pois não é: marca-se a forma do plural com o circunflexo.</p>	Indeferido	Mantido
11	(B): aproveita com “elegância” os recursos que a língua põe à sua disposição.	<p>Segundo o Texto 2, o poeta corresponde, metaforicamente, àquele que se serve, diante de dada cartela cromática, da cor de que está precisando para compor seu tecido poético. Assim, o trecho do Texto 1 que dialoga com essa metafórica ideia é aquele que aponta para o acervo linguístico (palavras/cores) como conjunto de recursos que se coloca à disposição do usuário para que dele se possa tirar, com elegância, o melhor proveito (“A pessoa não estuda a língua para ser um escritor exemplar, capaz de transmitir os seus pensamentos de modo claro e elegante”. Aproveita para</p>	Indeferido	Mantido

		<p>dizer que ‘elegância’, no caso, é saber ‘aproveitar todos os recursos que a língua põe à sua disposição’”).</p> <p>Assim, o poeta não corresponde ao que lida teoricamente com a língua, não sendo, pois, nem um linguista, a estabelecer os princípios de uso da língua; nem um gramático, a selecionar usos correntes da língua; nem um professor, que deve partir do uso da norma-padrão em seu ofício; nem um purista, a condenar a variabilidade linguística.</p>		
12	(C): do pretérito imperfeito do indicativo, por causa da descrição.	<p>Observa-se a predominância do pretérito imperfeito no texto (“<u>esperavam</u> pelos poetas e se <u>ofereciam</u>”; “elas <u>rogavam</u> aos poetas”; “Os poetas <u>abriam</u> os frascos, <u>provavam</u> palavras com o dedo e então <u>lambiam</u> os lábios ou <u>fechavam</u> a cara” etc.), por causa do caráter descritivo do texto, cujo objetivo é apresentar a casa das palavras sonhada por Helena Villagra.</p> <p>Não é possível afirmar que há, predominantemente, o emprego <i>do período composto por coordenação, por causa da dissertação</i>, pois, embora haja a predominância desse tipo de estrutura sintática, não se trata de um texto dissertativo, em que se pretende discorrer sobre uma matéria científica, ou doutrinal. Também não é possível afirmar haver predomínio <i>do conector “e”, por causa da simultaneidade das ações</i>, pois as ações descritas não são simultâneas, como se observa no fragmento “Os poetas abriam os frascos, provavam palavras com o dedo e então lambiam os lábios ou fechavam a cara”. Da mesma maneira, não se pode dizer que há predomínio <i>da estrutura com verbo transitivo, por causa da prolixidade</i>, pois não se trata de um texto difuso, que passa arrastado, nem seria a prolixidade uma justificativa para o emprego de estruturas com verbo transitivo. Também não se pode afirmar que haja predominância <i>da inversão sintática de termos, por causa do ritmo das frases</i>, pois as frases, em geral, estão na ordem canônica, isto é, sujeito + verbo + complemento, como em “As palavras, guardadas em velhos frascos de cristal, esperavam pelos poetas e se ofereciam, loucas de vontade de ser escolhidas: elas rogavam aos poetas que as olhassem, as cheirassem, as tocassem, as provassem”.</p>	Indeferido	Mantido
14	(D): marcar a oração intercalada	<p>No fragmento “Na casa das palavras, sonhou Helena Villagra, chegavam os poetas”, o par de vírgulas separa a oração intercalada “sonhou Helena Villagra”, que corresponde à voz do narrador inserida na outra oração, “Na</p>	Indeferido	Mantido

		<p>casa das palavras, chegavam os poetas”. A forma verbal “sonhou” assume o papel de um verbo de elocução, ou <i>dicendi</i>, que anuncia o discurso direto.</p> <p>Não se trata, portanto, de <i>separar orações coordenadas entre si</i>, pois, a rigor, as orações que formam esse período estariam em uma relação de subordinação: O que sonhou Helena Villagra? Helena Villagra sonhou que os poetas chegavam na casa das palavras, ou oração principal: sonhou Helena Villagra; oração subordinada objetiva direta: na casa das palavras, chegavam os poetas. Também não se trata de <i>indicar o adjunto adverbial deslocado</i>, pois, embora o adjunto adverbial “na casa das palavras” esteja deslocado à esquerda, as vírgulas estão funcionando em par para identificar a oração intercalada, e não apenas o adjunto. Da mesma maneira, não se pode dizer que <i>mostrar uma enumeração de fatos</i> seja a função do par de vírgulas, pois, no trecho, não há uma lista organizada de elementos, assim como é igualmente incorreto afirmar que <i>interromper os períodos justapostos</i> seria sua função, porque não há descontinuidade de ideias, além de haver apenas um período.</p>		
20	(C): os elementos constituem uma unidade sintagmática e semântica.	<p>Segundo o Novo Acordo Ortográfico vigente (http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/acordoortografico.pdf, p. 17), usa-se hífen em compostos “cujos elementos, de natureza nominal, adjetival, numeral ou verbal, constituem uma unidade sintagmática e semântica e mantêm acento próprio”, ou seja, em compostos que figurem como uma única palavra.</p> <p>Não é correto afirmar que a razão do hífen em “amarelo-limão” é o fato de o <i>segundo elemento da composição iniciar com “l”</i>, pois essa regra não corresponde a nenhuma do Novo Acordo; nem porque o <i>prefixo amarelo exige hífen</i>, pelo mesmo motivo, assim como também não se pode afirmar ser uma regra o <i>primeiro elemento da composição terminar com vogal</i>. E, embora a regra <i>a palavra composta designa uma espécie</i> esteja elencada no Novo Acordo, ela se aplica apenas a “espécies botânicas e zoológicas, [que] estejam ou não ligadas por preposição ou qualquer outro elemento”. No caso de <i>amarelo-limão</i>, que designa uma cor, e não uma fruta, ou legume, ou flor, ou animal, ela não se aplica.</p>	Indeferido	Mantido